

Janeiro - Fevereiro 2008
4ª Série - Ano XXXII - nº 223

VOZ de ANTAS

Taxa Paga - 4740 ESPOSENDE

Preço Avulso: 1,50 Euros

VOZ DE ANTAS: CINQUENTA ANOS DEPOIS

1. Há cinquenta anos, quando o P. Apolinário Rios fundou o boletim paroquial Voz de Antas, quais seriam as suas expectativas? Sabemos o que ele desejava: «entrar em comunhão convosco e unir-vos, apesar da distância, àquela Igreja, onde, um dia, fostes baptizados» – escrevia o P. Apolinário no primeiro número da Voz de Antas, dirigindo-se sobretudo aos emigrantes. De seguida, apresentava votos de Natal feliz e de um Ano novo de paz. Estava-se em Dezembro de 1957... Estes os seus desejos... mas as suas expectativas? Sabe-o Deus. Certamente, esperava que o jornal cumprisse os seus objectivos, ajudasse a unir presentes e ausentes, fosse presença constante da Igreja em todos os lares, levasse a todos as notícias do progresso espiritual e material que sonhava para S. Paio... Esperaria que ele durasse cinquenta anos? É possível, pois os homens de Deus são homens de fé... e sabem que nenhuma obra é sua, quando é para serviço e glória de Deus – por isso, confiam em Deus para levar por diante aquilo que projectam.

2. Os anos passaram, Voz de Antas conheceu tempos bons e tempos maus, outros párcos assumiram o encargo de levar por diante a sua publicação... Manteve sempre, no entanto, a simplicidade das suas origens, a facilidade de chegar a todos os paroquianos, o desejo de ser presença da paróquia junto dos emigrantes espalhados pelo mundo. Procurou ser um reflexo fiel daquilo que é a vida da comunidade paroquial.

Continua na pág. 8

Celebremos com alegria
a vinda da nossa salvação e redenção.
Celebremos o dia feliz
em que o grande e eterno Dia,
procedente do grande e eterno Dia,
veio inserir-se neste nosso dia
temporal e tão breve.

(Santo Agostinho)



PASTORAL DA FAMÍLIA

Página 10

VOZ DE ANTAS 50 ANOS DE HISTÓRIA DA NOSSA PARÓQUIA

Página 11

CARTA A UM AMIGO

Antas, 07 de Dezembro de 2007

Caro amigo,
Soube, há dias, que foi o teu aniversário e resolvi escrever-te.

Cinquenta anos!!! Meio século!!

Sou um pouquinho mais velho que tu. E não é que me lembro, MUITO BEM, de tu nasceres?!

Pequenino, simples, singelo, com aquele ar quase envergonhado...Parecias o teu Criador.

No entanto, começaste logo a falar para toda a gente. Dos maiores aos mais pequenos: Eram os casamentos, eram os baptizados, os funerais, enfim, as "Notícias da Nossa Terra".

Mas, os que mais ansiavam pela tua chegada, eram os nossos emigrantes. Era então ver quem te lia primeiro e comentava:

- Olha lá, sabias que casou a filha do tio António com o filho do tio Zé?

- Óh diacho! Morreu o tio Manel...que pena, bom homem!

- Vê aqui Maria, já puseram o novo piso na Igreja!

- As obras do nosso Salão Paroquial, vão muito adiantadas, para o ano já o

vemos acabado, e assim por diante...

E nos anos 60 e 70?

És capaz de imaginar a alegria que era a tua chegada, aos nossos soldados, que tão longe ansiavam por uma pequena notícia da nossa terra?

De então para cá cresceste, ficaste mais vistoso e falas, também, de outras coisas: Já são os artigos de fundo, os jovens a dizer coisas a outros jovens, histórias da nossa História contadas por quem sabe.

E, lá longe, continuam os nossos à espera que chegues e lhes dêes notícias.

- Eh pá! Vê aqui como estão adiantadas as obras da casa da Paz. E o Adro! Que beleza...No verão, lá estaremos.

Mas, ouve cá, como sou um pouco mais velho que tu, permito-me dar-te um conselho, ou melhor, como amigos, fazer-te um pedido:

- Porque não falas, cá na aldeia, com pessoas que com um bocadinho de boa vontade, poderiam colaborar contigo? Há tanta gente, com tanta vivência, com tantas histórias bonitas para contar... E as Associações? Não há maneira de te irem dizendo algumas coisas para que tu transmitas aos outros? Estou certo que se fores tu a dizer, não falta quem te ajude...

Pois, caro amigo, já vai longa a minha missiva, por isso vou terminar.

Desejo que continues, por longos anos, a fazer o excelente trabalho que tens feito até hoje.

Conta comigo, para o que fizer falta. Já agora, desejo-te um bom Natal e a todos os nossos amigos.

Um abraço

Vitor Faria

Concluído o arranjo do Adro

BÊNÇÃO DO ESPAÇO ENVOLVENTE DA CASA DA PAZ

No dia 1 de Novembro de 2007, com a bênção do arranjo dos espaços envolventes da Casa da Paz, a nossa comunidade deu por terminado um longo mas frutuoso ciclo de obras que embelezaram e enriqueceram o património paroquial. A cerimónia, simples, teve lugar ao princípio da tarde, depois de terminada a Eucaristia da Solenidade de Todos os Santos. Foi presidida pelo nosso pároco, P. Manuel Brito Ferreira. Antes da bênção, e ainda no interior da igreja paroquial, o P. Brito dirigiu aos paroquianos e, sobretudo, a Deus, palavras de louvor e agradecimento por todo o bem realizado. Foram palavras breves, mas profundas e sentidas, que substituíram do modo mais adequado qualquer discurso de circunstância.

Recordemos os momentos mais significativos do trabalho realizado.

No dia 1 de Novembro de 2001 foi lançada a primeira pedra da Casa da Paz. Na ocasião, foi salientado o empenho da comunidade paroquial em ver este projecto terminado rapidamente, sem prejuízo para a dignidade da obra, quer do ponto de vista estético, quer relativamente à qualidade da construção. Em Setembro de 2002 tiveram início as obras. Depois de alguns contratemplos, que impediram a conclusão das mesmas na data desejada (Junho de 2003, por altura das festas em honra da São Paio), a Casa da Paz foi solenemente benzida pelo Bispo Auxiliar de Braga, D. Antonino Dias, e apresentada à comunidade no dia 1 de Novembro de 2003. Tinham-se passado apenas dois anos desde a bênção e lançamento da primeira pedra!

De então para cá, prosseguiu-se, já a um ritmo mais calmo, o estudo do arranjo dos espaços envolventes, o qual foi sendo feito segundo as disponibilidades da paróquia. Pode agora contemplar-se a qualidade do trabalho realizado e dar o devido valor ao esforço de quantos se empenharam na sua execução: o nosso Pároco, os membros da Comissão Fabriqueira e todos os paroquianos que se dispuseram a contribuir economicamente para que a obra fosse levada por diante. Muitos colaboraram generosamente, muitos não quiseram ou puderam fazê-lo. Uns e outros podem, agora e no futuro, aproveitar da beleza destes espaços e dar graças a Deus por todo o bem realizado.

Elias Couto

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRECTOR / EDITOR:
MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas - Esposende

REDACÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:
Manuel de Brito Ferreira
Gonçalo Fernandes
Telefs. 253871438 / 253871887

DEPÓSITO LEGAL
N.º 18861/84

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:
TIPOPRADO - Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6-Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com

JORNADAS NACIONAIS DA CATEQUESE

De 30 de Novembro a 2 de Dezembro decorreram, em Fátima, as jornadas nacionais de catequese que tinham como tema "Novos Catecismos, Nova Catequese, Novos Catequistas.

Foi a pensar na renovação que 5 catequistas da nossa paróquia se juntaram aos mais de 500 de muitas outras paróquias de todo o país e se dispuseram a parar e reflectir durante o fim-de-semana.

O mote de partida foi dado pela frase "É preciso fazer alguma coisa". Fazer alguma coisa que opere uma mudança na apatia que se abate em muitos grupos de catequese.

Estaremos a formar discípulos se, após dez anos de catequese, os adolescentes desaparecem das celebrações da comunidade? Podemos afirmar sem grande margem de erro que a catequese não tem sido evangelizadora e, por isso, não tem correspondido à vocação da igreja – evangelizar.

As nossas casas, as nossas aldeias e cidades transformaram-se em terreno de missão. E é aqui que é mais problemática a missão de evangelizar pois é necessário enfrentar o hábito, a rotina, a presunção de saber, conhecer, ser....

De facto, é preciso repensar todo o trabalho que tem sido feito nas nossas comunidades paroquiais, pois os resultados que têm sido alcançados não correspondem ao esforço desenvolvido.

A catequese é o tempo da iniciação cristã. Depois de um percurso mais ou menos longo os catequizandos tornam-se adultos na fé, aderem a Jesus Cristo e assumem o compromisso. Devia ser uma catequese de iniciação, no entanto, na maior parte dos casos parece que é uma catequese de conclusão.

O que estará na génese deste problema? Será que a mensagem não é inteligível para o nosso tempo?

É necessário que os catequistas sejam capazes de operar uma renovação para que a catequese seja um ponto de chegada de um momento anterior e o ponto de partida para uma nova etapa.

As nossas comunidades cristãs sendo parte integrante da sociedade actual sofrem dos problemas da mesma. Podemos perguntar: onde estão as verdadeiras comunidades? Qual o espírito de comunhão que nelas existe?

A comunidade nasce da comunhão e para a comunhão, mas não há comunhão com Deus se não houver comunhão humana e não podemos esquecer que, para muitos catequizandos, o grupo de catequese é a primeira experiência de comunhão. Amar com exigência pode ser uma parte da solução. E neste amar com exigência está incluída a responsabilização de toda a comunidade no anúncio da fé. Não é preciso fazer coisas muito grandiosas, no entanto, é preciso fazer muitas coisas pequenas bem feitas. A

presença e empenho dos pais, a sua participação nas celebrações da comunidade, o compromisso transformador, missionário e eclesial do catequista, a dimensão da sua vivência sacramental e a qualidade da relação que estabelece com o grupo são os pontos fulcrais para que a renovação seja uma realidade.

O catequista é o catecismo vivo que deve viver o mistério da salvação fazendo-o oração, uma vez que os pais têm muita vezes uma fé de carácter sociológico, muito débil e são cada vez mais seduzidos por uma sociedade de consumo onde os valores da fé são constantemente postos em causa. A transmissão de valores está, por isso, a cargo dos catequistas e é aí que reside muita da sua força mas também da sua debilidade. O catequista é o companheiro de viagem que tem de ir ao encontro da realidade, construindo um percurso de acompanhamento personalizado, indo ao encontro das questões dos catequizandos e fazendo suscitar essas mesmas questões. A catequese, utilizando uma linguagem que não apele à razão mas à totalidade da pessoa, é um espaço para provocar, para convidar à conversão.

E como uma fé que não se apega apaga-se todos nós devemos ser capazes de, sem medo nem tibieza, abrir o coração e aderir ao convite "Abandona a terra firme e lança-te ao largo".

CELEBRAÇÃO DE NATAL DA CATEQUESE

No dia 15 de Dezembro terá lugar a celebração de natal da catequese. Haverá a celebração da Eucaristia e depois, no salão paroquial, terá lugar o lanche partilhado. A colaboração dos pais é da maior importância para que o verdadeiro espírito de natal esteja presente.

Para o ofertório da celebração todos os catequizandos devem trazer uma prenda que depois será entregue a uma instituição de caridade a fim de alegrar o natal daqueles que mais precisam.

A partilha do lanche será uma ótima oportunidade de convívio entre catequizandos, pais e catequistas.

Nos dias vinte e seis e vinte e sete de Dezembro teremos, mais uma vez, o Sagrado Lausperene onde todas as crianças e adolescentes da catequese devem participar. As horas de adoração da catequese estarão assim distribuídas: dia 26 de Dezembro às 19h 7º e 8º ano, às 20h 9º e 10º. Dia 27 de Dezembro 9h da manhã 5º e 6º ano, 10h 4º e 3º ano e 11h 1º e 2º ano. As catequistas farão um tempo de adoração às 3h do dia 27.

Que no meio da agitação em que a sociedade de consumo transforma o natal todos sejam capazes de fazer silêncio e adorar a Deus que, por amor, nasce e se faz presente no meio de nós.

Se bem me lembro...

Pelos meus quinze anos, estudante em Braga, recebi pelo correio uma folhinha que me era endereçada, dobrada ao meio. Estávamos no Natal e o cabeçalho era elucidativo: a tema imagem de Nossa Senhora com o Menino e uma estrela antes do título VOZ DE ANTAS. Logo ao lado o selo do correio, de 5 centavos (meio tostão, moeda então já em desuso), inutilizado com o carimbo CTT – 17DEZ57 – ANTAS (ESPOSENDE). Atravessada, escrita pelo punho do P.e Apolinário, a direcção depois do meu nome.

O que era aquilo? Abri-o com curiosidade e qual não foi o meu espanto: era um jornal da minha terra! O n.º 1 do Ano 1, sinal de que outros se seguiriam. Que orgulho!

Corri para o meu conterrâneo Domingos Vitorino que, já refeito da mesma surpresa, passava avidamente os olhos por igual folhinha. O sorriso que trocámos dispensou comentários e, embevecidos, mergulhámos na leitura.

Era pequenino o jornal, era, mas era da minha terra, tinha cinco artigos assinados por pessoas que bem conhecíamos, uma sugestiva quadra do Poeta e notícias paroquiais. Li-o, reli-o, e, vaidoso, mostrei-o aos amigos. Guardei aquele exemplar religiosamente. É a olhar para ele que escrevo esta saudação: Parabéns, VOZ DE ANTAS, a mais antiga das actuais publicações paroquiais do arceprestado de Esposende! Parabéns pelo quinquagésimo aniversário e pelos, se bem contados, 290 números publicados!

Raul Saleiro

VOZ DE ANTAS, SUA HISTÓRIA

I Série (1957 – 1963)

Há pouco mais de um ano a paroquiar S. Paio de Antas, o jovem e dinâmico Reitor Padre Apolinário Rios surpreendeu os paroquianos com uma folha impressa, pelo Natal de 1957. Dirigia-se sobretudo aos emigrantes e a todos aqueles que, pelos mais diversos motivos, estavam ausentes da nossa terra. É que tinha, segundo ele próprio escreveu, “um sonho lindo” e revelou-o: “entrar em comunhão convosco e unir-vos, apesar da distância, àquela Igreja, onde, um dia, fostes baptizados e onde tantas vezes ajoelhastes aos pés de Nossa Senhora das Vitórias, que é a vossa Mãe do Céu, a pedir-lhe auxílio e amparo”. E prosseguia, informando-os da sua intenção: “Quer o vosso Pároco, com esta folhinha tão simples, alimentar e avivar no vosso espírito a lembrança da Terra que vos viu nascer e da família que tão saudosamente deixastes na hora, talvez longínqua, da despedida. Ela vos levará o som festivo dos sinos da vossa Igreja, pela alegria duma vida que começa e o som do seu chorar plangente pela tristeza duma vida que se acaba. E quer, sobretudo, que estas recordações e estas notícias façam renascer em vós o sentido duma vida verdadeira segundo a consciência e a lei de Deus”.

É de admitir que o projecto de uma folha impressa, formativa e informativa, lhe andasse na ideia desde a posse como pároco. Com efeito, seu tio, o Padre Amândio Rios, era ao tempo director das Oficinas de S. José em Braga, cuja tipografia, por certo, já de há muito imprimia jornais do género. Não teria que bater a outra porta a pedir conselhos e orçamentos...

Logo para o primeiro número, solicitou uma quadra ao Poeta António Corrêa d'Oliveira, uma saudação do presidente da Junta, Manuel Pereira Viana, e dos sacerdotes da terra que estavam mais à mão: os padres Manuel Augusto Ferreira, Domingos da Cruz Neiva e Adélio de Almeida Torres Neiva. Artigos pequenos, à medida da “folha”, que, com as notícias dos baptizados, casamentos, óbitos, obras na igreja paroquial e notícia dos que partiram

para longe, preencheram as quatro páginas de forma arrumadinha e cuidada. Ele próprio, como lhe competia, utilizou a primeira página para fazer as apresentações, a sua e a do jornal.

A colaboração e reacções não se fizeram esperar. Logo no n.º 2 começou o P.e Adélio a publicar os seus contos. No n.º 3, de Fevereiro de 1958, vêm já publicadas duas cartas de longe, uma de Angola, do P.e António Fernandes de Sá, a outra de Lisboa, do dramaturgo João Corrêa d'Oliveira. No mês seguinte, mais uma de Angola, subscrita pelo P.e Manuel Alves Laranjeira, outra do seminarista Ernesto Neiva e ainda outra de Lisboa, de Mário Alves Meira. Os emigrantes também escreviam e mandavam dinheiro. Só nos primeiros números são registados: de França, António Gomes, Albino Azevedo e Sá, Bernardo de Azevedo Viana, Cândido Meira Ledo, Claudino Augusto da Cruz, Domingos Alves de Azevedo, Domingos Fernandes Vieira, José Joaquim Durães Moreira, José Viana de Azevedo, José Rodrigues Pereira, Laurentino Meira do Vale, Manuel Azevedo Neiva; de Angola, Manuel Anselmo, Albino Pereira de Sá, Manuel Fernandes da Cruz Viana, Cassiano Alves de Faria; da Argentina, Cândido Alves da Cruz, José Alves da Cruz, Manuel Alves da Cruz, Domingos Gonçalves Santamarinha, Ilídio da Costa Cruz, José Moreira de Faria, Manuel da Costa Cruz, Manuel Gonçalves da Torre e Maria Cândida Santos Viana; de Goa, Amândio Viana Meira Torres e Manuel da Cruz Neiva, estes em serviço militar; do Brasil, António Fernandes de Sá; do Canadá, Amândio Faria Rolo; do Congo Belga, Vasco Miranda Ferreira.

E depois tantos e tantos outros, entre os quais soldados em missão no Ultramar. Muitos não escreviam ao seu Reitor, talvez por acanhamento, mas não deixavam de comunicar à família quanto lhes aprazia receber o jornal e, por intermédio dela, mandavam alguma importância para o custear.

Nasce-se pequeno mas logo se cresce. O jornalzinho, das suas iniciais medidas por página de 23,5 por 15 centí-

metros, já no mês seguinte media 26 por 18, e por Julho engordou de 4 para 6 páginas. Crescia e alindava-se. Ao fazer o 1.º aniversário pôs touca nova: o título, Voz de Antas, agora em letras góticas, sobressaía entre um desenho da nossa igreja que espalhava raios de luz sobre uma paisagem de rio e mar. Embora sujeito por vezes a alguma dieta, dois anos depois, no Natal de 1959, já se envaidecia com as suas 8 páginas. Ele mesmo se gabava: "Sou criança. Dois anos apenas. Mas, modéstia à parte, já fiz muito. Já andei por muito longe. Fui dar-vos notícias desta terra que é vossa. Minha também, pois nasci cá. Tenho sido o traço de união de todos os filhos de S. Paio. Não me meteram medo as distâncias!...". Já se sabe que tanta vaidade não é virtude e, por isso, foi dura e definitivamente castigado: voltou às 4 páginas por mais 4 anos. Excepcionalmente, e só por festa, foi autorizado a interromper a dieta e a voltar às 6 páginas: em Dezembro de 1961, para mostrar a fotografia do Centro Paroquial, de paredes nuas mas já com telhado, e em Setembro de 1962, quando este já tinha instalação eléctrica e se anunciava para o mês seguinte a inauguração solene do Concílio Vaticano II. Uma vez por outra teve alguns mimos. Por exemplo, em Março de 1962 apareceu com vestido a duas cores, um luxo, e aos cinco anos, como prenda de aniversário, teve um chapéu novo: o título, em letras rebuscadas, abraçava-se ao nosso Cruzeiro e sobrepunha-se ao novíssimo edifício do Centro Paroquial e da igreja. Excepção das excepções foi o n.º 59, de Agosto de 1963, alusivo à inauguração do Centro Paroquial: 14 páginas! Foi, na verdade, um exemplar fora do comum e plenamente justificado. Apenas mais dois números, novamente de 4 páginas, completaram esta primeira série do jornal.

No último número, em Dezembro de 1963, o P.e Apolinário, feliz mas já cansado e doente, fazia o balanço:

"Foi em Dezembro de 1957, há, por conseguinte, seis anos, que esta pequena folha apareceu. Para vós uma surpresa, que julgo agradável, e para mim uma alegria ao ver a realização do primeiro sonho.

Finalidade deste boletim paroquial: levar uma palavra de amizade e de doutrina a todos os ausentes; unir presentes e ausentes em espírito de comunidade, fazer da paróquia uma autêntica família; e também ser arquivo dos acontecimentos mais importantes da vida paroquial.

Até que ponto esses objectivos se mantiveram e em que medida foram alcançados, vós, mais do que eu, o podereis testemunhar. Ninguém é juiz em causa própria. Todos estamos sujeitos a iludir-nos com os sucessos aparentes ou a desanimarmos com os fracassos, aparentes ou não. Sem mentir, posso dizer-vos que tem havido horas de desânimo e de entusiasmo, momentos em que sinto a vossa compreensão e outros em que noto o desinteresse. Compreendo, ou procuro compreender uma e outra coisa.

É necessário, portanto, que mutuamente nos entendamos e constantemente nos ajudemos, a fim de atingirmos a meta final".

É evidente que "Voz de Antas" atingiu os fins para que foi criado. Maior ou mais pequeno, com mais ou menos

folhas, saindo com maior ou menor regularidade, foi e continuará a ser o elo de ligação dos paroquianos, estejam longe ou perto da igreja onde foram baptizados.

Certamente com grande desgosto do P.e Apolinário, o jornal que criara com tanto desvelo deixou de se publicar quando ia começar o seu sexto ano de vida. Terminado o grande esforço do Centro Paroquial, sentiu que todos precisávamos de um descanso, e o jornal também, para recuperar forças e ânimo para novos empreendimentos. Terá pensado o seu fundador que, uma vez resolvidos ou minorados certos problemas de saúde que o vinham apoquentando, o jornal, a par de outras iniciativas, ressuriria.

Como se sabe, em vez de se resolverem ou atenuarem, os problemas de saúde agravaram-se e, um ano e meio depois, o P.e Apolinário abandonava as suas funções. Mas que herança nos deixou!

II Série (1970 – 1971)

Quando o seu sucessor, o bondoso P.e Avelino dos Santos Alves, já com cinco anos de pároco, precisou de mobilizar presentes e ausentes para novas obras paroquiais, tornou-se evidente a necessidade de reanimar a ideia do jornal. Pediu a aprovação eclesiástica, que de imediato obteve, e publicou-a no primeiro número, de Maio de 1970:

Aprovamos o novo Boletim Paroquial e felicitamos os seus organizadores.

Será ele um facho de luz para a região pastoral que vai servir. Fazemos votos para que possa sempre reflectir a palavra do Papa, da Igreja e do próprio Bispo. A adesão dos leitores à doutrina que os seus Párocos, por este meio, lhes vão ministrar, será garantia de fidelidade ao Evangelho e ao Magistério.

Desejamos igualmente que o novo Boletim Paroquial alcance os seus apostólicos objectivos como instrumento de uma pastoral renovada, e seja aceite com júbilo por todos aqueles a quem se destina.

Temos muita alegria em abençoar estas iniciativas. FRANCISCO, Arcebispo Primaz

Tal como fizera o seu fundador, também o P.e Avelino se dirigiu a todos num artigo com o mesmo título, "Saúdeção":

Ao iniciar a sua nova vida, o jornal da vossa terra vos saúda com carinho.

Periodicamente ele irá visitar-vos, como amigo e companheiro, para vos dar a palavra certa no mundo incerto em que vivemos, quando, das mais variadas e extravagantes formas, se entrecrocaram ideias e factos capazes de nos deixarem duvidosos sobre o caminho a seguir.

Confiai nele, lede-o com atenção e amor e depois dai-o a conhecer a todos os que puderdes.

Ele irá ao vosso encontro para vos dar conhecimento do viver, das aspirações, das tristezas e alegrias da vossa terra. O vosso bairrismo há-de manifestar-se entusiasta ao verificar que tendes um jornal a que podeis, com verdade, chamar vosso. E assim haveis de acarinhá-lo, ajudando-o

cont. na pág. seguinte

VOZ DE ANTAS, SUA HISTÓRIA

a tornar-se conhecido.

Ele fica ao vosso dispor, aceitando a vossa colaboração, embora subordinada a normas de que não se pode abdicar, sem trair. Espera a vossa ajuda e auxílio, generoso e compreensivo.

Com certeza que, depois de a ele vos habituades, sentireis um vazio se ele vos faltar.

Mas ele surge para viver. Confia em vós.

Era agora impresso em Viana do Castelo, na Gráfica da Casa dos Rapazes. Formato maior, de 29,7 por 21 centímetros (tamanho A4), recuperação do antigo cabeçalho da igreja irradiando luz sobre a paisagem. Também logo cresceu, 12 anos depois do nascimento estava espigadote para a idade: 35,8 por 26,2 centímetros!

Vivia-se agora em plena aplicação das mudanças litúrgicas e pastorais impostas pelo Concílio Vaticano II. Fiel aos seus princípios, "Voz de Antas" continuou a formar e a informar, dirigindo-se com particular atenção à juventude. A periodicidade deixou de ser mensal

Publicados cinco números, o último do 1º trimestre de 1971, foi suspensa a publicação pelas mesmas razões que levaram ao fim da série anterior. As dificuldades de saúde do Sr. Reitor, agravadas talvez com a dificuldade em conseguir apoios financeiros, impuseram mais um intervalo de silêncio.

Bem avisou o Reitor Avelino Alves: "depois de a ele vos habituades, sentireis um vazio se ele vos faltar".

Faltou e sentimos.

III Série (1976)

Foi também em Dezembro, dezanove anos depois da sua fundação, que "Voz de Antas" voltou à luz do dia.

As profundas alterações políticas de 1974, proporcionando uma maior participação cívica, deram origem entre nós ao aparecimento de um novo jornal, "Contacto", que viu a luz do dia em Agosto de 1976 e se publicou até 1980.

Naturalmente, o "Contacto", orientado para a sua meritória intervenção cívica, não abrangia os objectivos pastorais do anterior boletim paroquial. Foi então que o novo pároco, P.e Manuel de Brito Ferreira, investido em

Março de 1976, resolveu iniciar uma 3.ª série reeditando "Voz de Antas" no Natal daquele ano. Deu-lhe o n.º 0 e, sob o título "O renascer de uma esperança", traçou a orientação do jornal para o futuro, marcando desde logo objectivos e diferenças: "A todos queremos levar uma palavra de amizade e de Doutrina. E não podemos calar, porque temos liberdade para erguer a nossa voz. A Igreja, para estar silenciada, basta nos países onde impera o marxismo ateu".

Os primeiros números, nas dimensões invulgares de 42 por 30,5 centímetros, correspondentes afinal à sua maioria, passaram logo das primeiras 8 páginas para 12, num esforço evidente de afirmação. Para o cabeçalho, que se manteve até Março de 1978, foi recuperado o de 1962, adaptando-o às novas dimensões do jornal. Foi substituído, a partir do n.º 16 e até ao n.º 131, por um outro que tinha, por principal elemento decorativo, o Cruzeiro Paroquial e dois ciprestes.

Umaz vezes mensal, outras vezes bimestral, o jornal foi entrando regularmente em nossas casas até ao início de 1992. Na Primavera desse ano, em que todos os esforços se concentravam na construção de uma nova estrutura especialmente pensada para os jovens, veio substituí-lo temporariamente um pequeno opúsculo intitulado "Vamos Construir o Centro Pastoral Juvenil".

Retomando a sua publicação com o n.º 132, em Janeiro de 1993, agora definitivamente reduzido às dimensões do tamanho A4, passou o jornal a sair bimestralmente. O desenho da nossa igreja paroquial, da autoria de H. Körber, ilustra o cabeçalho desde então.

Ao iniciar esta nova fase, e a respeito de mais um aniversário, dizia-se na primeira página:

"Ao comemorarmos mais um aniversário, desejamos saudar todos os amigos e assinantes – tantos fora da terra! Saudámo-los e agradecemos a sua amizade. Com a graça de Deus, com entusiasmo e coragem, vamos continuar o ideal da primeira hora traçado pelo seu fundador – P.e Apolinário Rios"

Que outro voto poderíamos hoje formular no quinquagésimo aniversário?

Raul Saleiro

CONSELHO ECONÓMICO PAROQUIAL PARA O QUINQUÉNIO 2008-2013

A tomada de posse do novo Conselho Económico Paroquial, vulgo "Fabriqueira", decorrerá no próximo dia 4 de Janeiro de 2008, em Esposende, conjuntamente com todos as restantes paróquias do Arciprestado de Esposende e perante o Bispo Auxiliar da Diocese de Braga, onde jurarão cumprir com zelo e competência as obrigações assumidas. O novo Conselho Económico Paroquial de S. Paio de Antas, para o quinquénio 2008-2013, será constituído pelos seguintes elementos:

Presidente: P.e Manuel de Brito Ferreira;
Secretária: Maria Meira Couto;
Tesoureiro: Manuel Gonçalo de Sá Fernandes;
Vogal: Maria Elisabete Rolo de Azevedo Neiva;
Vogal: Rogério Ferreira Rolo.

A Paróquia agradece a colaboração de Isidro Meira Couto, pela sua dedicação e empenho, particularmente nos últimos 11 anos em que esteve ao seu serviço.

Celebrações Jubilares

Há 50 anos, na Igreja Paroquial, uniram os seus destinos pelos laços do matrimónio

4 Janeiro: Manuel Pires e Amélia Viana Caramalho

18 Janeiro: Manuel Viana Caramalho e Olivia Pires Lapeiro

9 Fevereiro: António Gonçalves Caramalho e Teresa do Menino Jesus Gonçalves Ribeiro Neves

9 Fevereiro: José Ferreira Gregório e Maria Celina Ribeiro Neves Lapeiro

15 Fevereiro: Aurélio de Almeida Torres Neiva e Maria Rodrigues Dias

8 Março: Manuel da Costa Laranjeira e Maria Augusta Pereira da Cunha

7 Junho: Manuel Gonçalves Couto e Maria Gomes de Matos

10 Julho: Augusto da Costa Pereira da Silva e Deolinda Gonçalves

12 Julho: Luís Eduardo Branco Neto e Dalíla do Ceú Carvalho Ribeiro de Moraes

12 Outubro: José Moreira de Faria e Olivia Rodrigues Sampaio

18 Outubro: Amácio Meira Rolo e Adelaide Sá Gonçalves da Torre

18 Outubro: Manuel Meira Laranjeira e Maria Celina Viana da Cruz

18 Outubro: Mário Alves Meira e Marieta Torrinhos Corte Real

12 Novembro: Amândio Afonso Sampaio e Rosa da Cruz Azevedo Saleiro

6 Dezembro: Serafim de Matos Martins e Alice Ferreira Alvarães

20 Dezembro: Domingos Viana da Cunha e Maria de Lurdes Laranjeira da Costa

No ano de 1958, um total de 16 casamentos, sendo Pároco, o Padre Apolinário Afonso Pereira Rios.

Peregrinação à Terra Santa... Testemunho

Quem se dispõe a visitar a Terra Santa fá-lo não tanto para ver mas sobretudo para viver.

Com efeito, ao vermo-nos nos locais que foram «palco» e testemunhas dos mais variados acontecimentos bíblicos, nós somos instintivamente levados a fechar os olhos do corpo e a abrir da alma para vivermos intensamente os factos cujo significado e valor espiritual a distância especial, por vezes, ofusca.

Não é essencialmente a beleza física dos lugares visitados que justifica tão bela viagem. Eles têm outras belezas bem mais atraentes captantes que, porque indecritíveis, só a alma é capaz de sentir e apreciar.

Ao pisarmos a Terra que o próprio Cristo pisou e ao admirarmos cada uma das igrejas que testemunham, segundo a tradição, o local preciso ou aproximado onde se desenrolaram os mais significativos passos de Jesus e Maria, os quais nos são mencionados, vezes sem conta, ao longo da nossa constante formação religiosa ou mesmo histórica, a alma dá-nos como que um estremeção, livrando-nos de tudo o que é terreno e material.

Ali, concentrados, temos a impressão de estarmos mais juntos do Divino e de sentirmos mais intensa a força que nos une ao Além. Ali, sentimo-nos reduzidos àquilo que verdadeiramente somos.

Um peregrino da Terra Santa

DONATIVOS PARA A CASA DA PAZ

Recebemos mais os seguintes donativos para as obras da Casa da Paz. A todos bem haja.

Nome	Morada	Euros	Escudos
Filhos de António Alves Rolo, em sua memória	Azevedo	250 €	50.121\$00
Anónima, em sufrágio da alma de seu marido	Estrada	100 €	20.048\$00
Bernardo Azevedo Viana e Rosa, em sufrágio dos seus familiares	Pereira	250 €	50.121\$00
Manuel Rei e Lurdes, em sufrágio dos seus familiares	Estrada	60 €	12.029\$00
P.e António Fernandes de Sá	Azevedo	1.000 €	200.482\$00
Leontina da Costa Rolo Soutelo	Azevedo	200 €	40.096\$00
Anónima, em sufrágio dos seus familiares	Azevedo	200 €	40.096\$00
Albina Alves Torres Lima e sua família, em sufrágio de seu marido	Azevedo	500 €	100.241\$00
Manuel Alves Rolo, sua filha, pais e sogros	Azevedo	300 €	60.145\$00
Anónima, em sufrágio da alma do seu marido	Azevedo	300 €	60.145\$00

Continua no próximo número

VOZ DE ANTAS: CINQUENTA ANOS DEPOIS

cont. da pág. 1

Testemunhou, ao longo dos anos, o progresso material e espiritual sonhado pelo P. Apolinário Rios – as suas páginas são o espelho desse progresso. Pode, pois, dizer-se que os desejos e expectativas do seu Fundador foram cumpridos e, até, superados.

3. Cinquenta anos depois, já em pleno século XXI, Voz de Antas continua, infatigável, o seu serviço à comunidade. Quais podem ser as expectativas de quem, hoje, leva por diante a sua publicação. Os tempos são outros e as exigências são diferentes daquelas conhecidas pelo P. Apolinário. Hoje há imensos jornais, revistas, há a televisão, a internet... solicitações de todo o género, que não permitem a um boletim como este ter o impacto e a novidade de há cinquenta anos. Nem sequer há a mesma avidez de ler, apesar de haver muita mais gente a saber ler! Pode-se, no entanto, desejar, como o P. Apolinário: que este jornal continue a ser um instrumento ao serviço da comunidade paroquial, formando e informando; que ele seja o «arquivo» onde se recolhem os pequenos e grandes acontecimentos da história de S. Paio de Antas; que continue a unir presentes e ausentes no sentimento de pertença ao mesmo torrão natal. Que ele dure mais cinquenta anos? Porque não? Deus saberá dispor segundo a sua vontade, contando sempre com o contributo dos homens.

Óbitos de 2007

- Albino Fernandes de Sá, 85 anos, L. Monte
- Vasco Miranda Ferreira, 75 anos, L. Estrada
- Rosa Rodrigues M. Bessa e Menezes, 80 anos, Lisboa
- Manuel da Silva Neiva, 91 anos, L. Azevedo
- Albertina Gonçalves da Costa, 79 anos, L. Estrada
- Amélia Alves da Cruz Viana, 93 anos, L. Azevedo
- Rosa Alves da Cruz Viana, 91 anos, L. Pereira
- António Fernando Cardante Patrão, 52 anos, L. Monte
- Candida Fernandes de Azevedo, 90 anos, L. Guilheta
- José Maria Barbosa, 81 anos, L. Estrada
- Rogério Rolo Portela, 48 anos, L. Guilheta
- Maria Maltez Torres, 86 anos, L. Guilheta
- Abel Alves da Costa, 88 anos, L. Estrada
- Eva Pires Marques, 50 anos, L. Azevedo
- Augusto Alves Rolo, 83 anos, L. Cima
- Manuel Rodrigues Meireis, 52 anos, L. Guilheta
- Carolina de Jesus Pereira, 93 anos, L. Guilheta
- Maria Rodrigues Meira, 86 anos, L. Guilheta
- José Vieira da Costa Portas, 69 anos, L. Monte
- Nuno Alexandre Alves Neiva Poças, 22 anos, L. Monte
- Maria Alves Rolo, 82 anos, L. Azevedo
- António Pires Vieira, 74 anos, L. Monte
- Maria Emilia Martins da Costa, 79 anos, L. Monte
- António Alves Rolo, 84 anos, L. Azevedo
- Cândido Alvelos, 91 anos, L. Belinho

Um total de 25 óbitos, até à data de 15 de Dezembro, no ano de 2007. Mais 5 óbitos que no ano anterior.

PORTUGAL É UM PAÍS DE CRÍTICOS

Já se tem dito que Portugal é um país de críticos. Todos dizem mal de tudo e ninguém ou muito poucos tem coragem de olhar para si próprios. Verifica-se tal mal, mais nos meios pequenos e em crítica mediana, talvez devido ao baixo nível cultural, pois que devido à falta de assunto para conversa envereda-se pelo caminho largo da crítica, pelo espírito mexeriqueiro.

CRÍTICOS

Seria a falta de instrução que nos levaria a estes estados? Talvez sim e talvez não. Sim-pela falta de assunto de conversa; Não-porque sai-se da escola sem amor ao estudo, aos livros, abandonando-se o pouco que se aprendeu, fazendo uma formação negativa.

Daí critica-se destrutiva e inconscientemente. O filósofo Epíteto disse: Se o homem se lembrar que tem de expiar os seus erros nunca se zangará com ninguém, nem se indignará, nem procurará vingar-se, nem ofenderá, nem odiará, nem criticará ninguém. Já se vê que se o filósofo diz o «homem» toma-o no sentido genérico, pois que não quer excluir a mulher. De modo algum!!!

A dignidade do homem e a sua posição como ser humano, exige que lhe façam compreender certos erros. É necessário corrigir o erro, detestar os erros que as pessoas cometem, mas não esquecendo que é preciso amar as pessoas.

Não se pode pois admitir uma crítica baseada em juízos temerários, cheia de interpretações erradas, ridículas e aumentada. Mais: nunca criticar o que não deve ser criticado.

Deve-se mostrar onde está o erro, errar é humano, mas apresentar a forma de o corrigir. De que serve falar dos outros se isso não traz bem algum? É fácil dizer que uma casa está mal construída; difícil é construí-la melhor ou explicar como se constrói. É fácil dizer que o governo é um parvo, que os chefes, as autoridades locais, não percebem nada do que andam a fazer, que os homens são uns palermas; difícil é dizer como tudo isso pode ser melhorado e mais difícil fazer.

Cá de críticos de algibeira, que tudo condenam e não sabem governar a própria casa, só devem merecer-nos compaixão. São pobres de espírito que não sabem o que dizem nem o que fazem.

DE ALGIBEIRA

Apetece-nos dizer: «os cães ladram mas a caravana passa». Para estes é preciso perdoar setenta vezes sete vezes.

ACREDITA: aqueles que muito criticam quase nunca fazem nada de útil. Perdem o tempo a descobrir os defeitos dos outros e não o têm para corrigir os próprios. Quando te lembrares de criticar não te esqueças primeiro dos teus defeitos. Antes de julgar põe-te no lugar do outro. Mais: antes de dizeres o que está mal debes elogiar o que está bem.

Novos filhos de Deus pelo Baptismo

1 de Setembro/ 2007: Leonor de Barros Gomes, filha de Luís Filipe de Assunção Gomes e de Célia Regina da Costa Meira de Barros, Padrinhos: Eurico Sérgio de Assunção Gomes e Mariana Pires de Barros.

1 de Setembro/ 2007: Carolina de Barros Gomes, filha de Luís Filipe de Assunção Gomes e de Célia Regina da Costa Meira de Barros, Padrinhos: Nelson José Oliveira Duarte e Márcia Roberta da Costa Meira de Barros.

2 de Setembro/ 2007: Pedro Saleiro Silva, filho de Jorge Manuel Carvalho da Silva e de Fernanda Manuela Santos Saleiro, Padrinhos: Carlos Alberto Carvalho da Silva e Maria de Fátima Matos Sousa.

9 de Setembro/2007: Cecília Maciel Viana, filha de Cassiano Neiva Viana e de Virgínia das Dores Dias Maciel Viana, Padrinhos: Carlos Alberto Neiva Viana e Lídia Margarida Barbosa Viana.

15 de Setembro/2007: Miguel Passos Meira, filho de Miguel Amandio Ferreira Salgueiro Meira e de Adriana da Conceição Marques de Passos Meira, Padrinhos: António Pedro Diegues Figueiredo Tavares e Vitória do Carmo Marques de Passos Tavares.

15 de Setembro/2007: Marina Gramoso Maranhão, filha de Fernando Augusto Almeida Maranhão e de Muriel Enes Gramoso, Padrinhos: Bruno Jorge Cardoso Fernandes e Joana Carina de Almeida Maranhão.

22 de Setembro/2007: Ana Carolina Couto Almeida, filha de Fernando Manuel Sinaré Almeida e de Soraia Alexandra Barros Couto Almeida, Padrinhos: Pedro Augusto Almeida Ribeiro e Ana Sofia Barros Couto.

13 de Outubro/2007: Afonso Gregório Laranjeira, filho de Rui Manuel Vitorino Laranjeira e de Ana Maria Torres Gregório Laranjeira, Padrinhos: Carlos Jorge Dias Rocha e Odília Torres Gregório.

1 de Dezembro/2007: Afonso Rodrigo Sousa Faria, filho de Mário Luís Martins Faria e de Sara Catarina Cunha de Sousa, Padrinhos: Carlos Alberto de Sousa Ribeiro e Maria Helena da Cunha Laranjeira Ribeiro.

Neste ano de 2007, houve um total de 28 baptismos igual número ao ano anterior.

EDUARDO BRITO



Faleceu, no dia 20 de Novembro, com apenas 50 anos, Eduardo de Sá Ferreira Brito, filho de Manuel Ferreira de Brito e de Maria Arminda Almeida de Sá, do lugar da Estrada.

Exercia advocacia há longos anos em Portimão, onde foi sepultado.

Filho muito querido e pai de grande coração, deixou, com grande tristeza, sua mulher e filha, com apenas 13 anos.

A família, reconhecidamente, agradece a todas as pessoas que tomaram parte do seu funeral e aos que estiveram presentes na missa de 7.º dia.

Celebrações Matrimoniais

27 de Julho/2007: Paulo Jorge Rolo de Sousa Caseiro, filho de Manuel de Sousa Caseiro e de Maria Cristiana Moreira Rolo Caseiro, natural de Vila Franca de Xira, radicado nesta freguesia de antas desde 1989, Terra Natal de seus pais, com Sónia Maria Silva Lopes Carvalho, filha de Manuel Lopes Carvalho e de Maria da Conceição Cunha Silva, natural de Vale de Bouro, Celorico de Basto.

2 de Setembro/ 2007 : Fernando Vicente de Abreu Carqueijó, 34 anos, filho de Eugénio de Abreu Carqueijó e de Olivia Carneiro de Abreu, residentes em Marinhãs, com Cristina Portela Ribeiro, 28 anos, filha de José Alves Ribeiro e Maria do Ceú de Sá Portela, residentes no L. de Guilheta. Testemunharam o enlace matrimonial José Ribeiro e Maria Argentina Correia Ribeiro.

22 de Dezembro/2007: Jorge Gabriel Faria Sinaré, de 38 anos, filho de Mário Quesado Sinaré e de Maria de Azevedo Faria, residente no L. do Monte, com Elsa Alexandra Portela Pereira, 26 anos, filha de Albino Torres Pereira e de Maria Alexandra Rolo Portela, residente no L. de Guilheta.

BODAS DE OURO



Para nós, o dia 19 de Outubro de 2007 foi dia de festa. Os nossos avós, José Afonso Vaz Saleiro e Maria de Lurdes Pereira Viana fizeram as Bodas de Ouro.

Foi com emoção e alegria que nesse dia, na igreja paroquial de S. Paio de Antas pelas 17:30 acompanhados dos nossos pais e familiares mais próximos, assistimos e participamos na celebração eucarística das Bodas de Ouro matrimoniais.

Foi uma missa simples mas bonita, celebrada pelo nosso pároco Manuel Brito Ferreira, a quem agradecemos a disponibilidade.

Os nossos avós tiveram sete filhos, um dos quais faleceu em bebé, e neste momento tem oito netos que os admiram muito.

Parabéns, continuem juntos por muitos anos.

PASTORAL DA FAMÍLIA

Campanha de solidariedade foi um êxito

Uma gigantesca onda de solidariedade, despoletada por iniciativa da Pastoral Familiar, permitiu transformar em realidade o sonho de uma jovem da nossa freguesia. Uma cadeira de rodas eléctrica, que a família não tinha possibilidades de adquirir, era o sonho da Alexandra Cris-



tina de Sá Carneiro, de 28 anos, que sofre de paralisia cerebral desde a nascença.

O caso chegou ao conhecimento do nosso grupo e, de imediato, foi decidido promover uma campanha de angariação de fundos para oferecer a cadeira de rodas à Alexandra, permitindo-lhe, assim, autonomia na locomoção. O apelo para esta causa foi lançado na nossa terra, levado às freguesias vizinhas e estendido aos nossos emigrantes, espalhados pelos quatro cantos do mundo. A forma pronta, generosa e solidária como todos responderam foi, no mínimo, surpreendente. À iniciativa associou-se também Nereides Martins, através do seu programa da Rádio Alto Minho, desencadeando também a benevolência dos seus ouvintes.

No dia 5 de Maio, percorremos a freguesia num porta a porta que resultou na recolha de 4 350 euros e, dias mais tarde, Nereides Martins entregava à Pastoral da Família mais 1 745 euros.

Apesar de já estar reunida a quantia necessária para a compra da cadeira de rodas, era impossível travar a campanha de solidariedade que começava a receber ecos do estrangeiro, concretamente dos nossos emigrantes e de grupos de portugueses que se quiseram associar a esta causa solidária. Juntamente com os donativos chegavam palavras de incentivo e de felicitação pela iniciativa e os votos das maiores felicidades para a Alexandra, palavras que muito apreciamos e agradecemos.

Considerando que a quantia arrecadada acabou por ultrapassar a estimativa de 5 000 euros, a Pastoral da Família optou por adquirir uma cadeira de rodas de gama superior àquela que inicialmente prevíamos comprar e que orçou em 7 000 euros. A qualidade do equipamento e o conforto que possibilita à Alexandra garantem-nos que foi um bom investimento.

Como meta para a entrega da cadeira de rodas estipulamos o Dia do Corpo de Deus (7 de Junho). Perante a

comunidade, o Sr. Reitor procedeu à bênção da cadeira, num acto marcado pela emoção e pelas lágrimas. Pela voz da mãe, Cândida Sá, Alexandra fez questão de agradecer à Pastoral da Família "o trabalho árduo e o empenho" na realização da campanha, afirmando que "sem vós acho que não iríamos tão longe". Os agradecimentos estenderam-se também aos emigrantes, a Nereides Martins, ao Sr. Reitor e a todos quantos contribuíram para tornar realidade o seu sonho: "a todos vós muito obrigada. Quero-vos dizer que nunca me esquecerei de vocês".

"Jesus, obrigada pelos amigos que me deste. Quero-Vos pedir para nunca Vos esquecerdes deles, estejam eles onde estiverem. Muito obrigada", finalizava assim a mensagem da Alexandra, por todos sentida.

Tendo em conta que os donativos ultrapassaram o custo da cadeira, a Pastoral da Família considerou, desde logo, a possibilidade de aplicar a restante verba na ajuda a outros casos de manifesta carência. Neste sentido, foi avaliada a possibilidade de ajudar mais um jovem da nossa terra, no caso João Manuel da Cruz Viana. Sendo invisual, o João está, pois, limitado na sua vida diária. Contudo, uma das barreiras que parecia intransponível foi ultrapassada através da aquisição de um aparelho que possibilita que o João possa fazer uso das novas tecnologias. Trata-se de um sistema que permite a utilização do computador pelos invisuais, dado que qualquer procedimento é orientado por um comando de voz, e que custou 1 610 euros. A entrega foi efectuada no passado mês de Setembro, sendo que o João e a sua mãe, Maria das Dores, fizeram questão de, aproveitando a presença de todos os elementos do grupo no convívio anual da Pastoral Familiar, vir agradecer a oferta de tão importante instrumento tecnológico.

Actividades da Pastoral Familiar

À semelhança do ano passado, a Pastoral da Família assinalou o Dia do Avós. A efeméride, que se comemora a 26 de Julho, foi celebrada, dois dias mais tarde, com



uma festa-convívio, que decorreu no Salão Paroquial e que foi antecedida da celebração de uma missa. Avós e netos confraternizaram, mais uma vez, numa festa onde a animação musical esteve a cargo dos "artistas" da

nossa terra: Bel Viana, Pedro Cardante, Patrícia Almeida e Marlene Ribeiro.

Entretanto, no dia 30 de Julho, a Pastoral da Família associou-se à celebração do 100.º aniversário de Maria Gomes de Matos, residente no lugar de Guilheta, através



da oferta de um ramo de flores (uma centena de rosas), à aniversariante.

No dia 22 de Setembro, realizou-se o convívio do nosso grupo. Este ano, entendemos

estender o convite aos nossos familiares mais próximos que, assim, se juntaram à festa, num ambiente de partilha e salutar convívio.

Como havíamos prometido, promovemos, no dia 5 de Outubro, feriado, um passeio-convívio para as viúvas e viúvos da nossa paróquia. O destino escolhido foi S. Bento das Pêras, no concelho de Vizela, um local de culto que a todos surpreendeu pela beleza e pelas excelentes condições para este tipo de realizações. Na impossibilidade do Sr. Reitor nos acompanhar, convidamos a juntar-se a nós o Padre José Matos, pároco de Arroso Santa Maria – Famalicão e um “velho amigo” da nossa terra. Na eucaristia, realizada na pequena capela de S. Bento, as nossas

preces foram especialmente pelos esposos/esposas falecidos dos nossos paroquianos.

Depois de degustarmos os apetitosos farnéis, rumamos ao Santuário da Penha, em Guimarães, onde andámos no comboio turístico e passeamos no teleférico. Já no regresso a casa paramos na Franqueira, em Pereira-Barcelos, para lanchar. Regressamos a casa com a “alma cheia”, depois de um dia que, certamente, não esqueceremos.

Tal como o ano passado, também este ano festejamos o S. Martinho, com o tradicional magusto, que teve lugar no dia 10 de Novembro.

Entretanto, no próximo dia 23 de Dezembro, iremos, à semelhança do ano passado, fazer a visita natalícia aos doentes da nossa paróquia, levando uma pequena oferta e uma palavra de solidariedade.

A encerrar as actividades deste ano, no dia 29 de Dezembro, celebraremos o Dia da Família, convidando todos os casais jubilados – que em 2007 celebraram 25 ou 50 anos de matrimónio – a juntar-se à celebração eucarística.



VOZ DE ANTAS

50 ANOS DE HISTÓRIA DA NOSSA PARÓQUIA

Em Dezembro de 1957, o então pároco de S. Paio de Antas, P.e Apolinário Afonso Pereira Rios (1932-1971), criou o jornal paroquial Voz de Antas, com o objectivo de ter um instrumento de comunicação com todos os paroquianos, particularmente os que tinham emigrado, à procura de melhores condições de vida, “desde Timor ao Canadá, passando pela Argentina e pelo Brasil”. Dizia o nosso reitor: “Esta pequenina folha é a realização dum sonho lindo

do vosso Pároco que deseja entrar em comunicação convosco e unir-vos, apesar da distância, àquela igreja, onde, um dia, fostes baptizados e onde tantas vezes ajoelhastes aos pés de Nossa Senhora das Vitórias, que é a vossa Mãe do Céu, a pedir-lhe auxílio e amparo. Quer o vosso Pároco, com esta folhinha tão simples, alimentar e avivar o vosso espírito a lembrança da Terra que vos viu nascer e da família que tão saudosamente deixastes na hora, talvez longínqua, da despedida” (P.e Apolinário

Rios 1957, n.º 1: pág. 1). Seis anos volvidos, dizia o mesmo reitor: “Finalidade deste boletim paroquial: levar uma palavra de amizade e de doutrina a todos os ausentes; — unir presentes e ausentes em espírito de comunidade, fazer da paróquia uma autêntica família; — e também ser arquivo dos acontecimentos mais importantes da vida paroquial” (P.e Apolinário Rios 1963, n.º 61: pág. 6).

Se o objectivo primordial da Voz de Antas era o contacto com os emigrantes, não é menos verdade que

ela é hoje um manancial da nossa história, onde podemos encontrar os dados relativos a todos os assuntos internos da paróquia e ao devir da nossa freguesia, como baptizados, comunhões, catequese, reflexões pastorais, casamentos, mortes, assuntos financeiros da paróquia, bens patrimoniais, desenvolvimento social e caritativo, obras da igreja e do complexo paroquial, e até contos e

cont. pág. seguinte

estórias, etc.. Enfim, quem quiser fazer a história de S. Paio de Antas tem de recorrer obrigatoriamente a "esta pequenina folha". Em boa hora o P.e Apolinário nos brindou com tamanha proeza...

A Voz de Antas é hoje um jornal local e paroquial de referência em toda a região. A sua publicação manteve-se até à actualidade, com pequenas oscilações, e já se editaram perto de 300 números.

1.ª série da Voz de Antas

A 1.ª série da Voz de Antas teve 61 números

e manteve-se, com regularidade, até Dezembro de 1963, quando fazia 6 anos de vida, sempre sob a direcção do P.e Apolinário Rios. Sem desconsiderar o que quer que seja, gostaria de destacar a conclusão da reforma do telhado da igreja, logo em 1957, que custou 17.135\$00, e as obras do Centro Paroquial de Cultura e Assistência, que a gente de S. Paio popularizou como Salão Paroquial. A ideia e o esboço inicial foi publicado em Julho de 1959, onde o nosso reitor dizia que "queremos levantar a obra (...). Será uma obra de grande envergadura, pelo menos

para as nossas forças (...). Será uma organização que pretenderá difundir a cultura em geral, mas especialmente a religiosa, ora em forma de recreio e divertimento, ora em formas mais sérias e directas: será portanto a sede de todas as organizações paroquiais de apostolado, de cultura e educação juvenil (...). O vosso Reitor gostaria de ouvir a vossa opinião, sentir as vossas respostas entusiásticas e encorajadoras, receber os vossos pareceres para que ele, que é o único habitante de S. Paio que não beneficia da obra, se sinta com fôlego e ânimo para se lançar à grande empresa que será toda vossa e toda para vós" (P.e Apolinário Rios 1959, n.º 20: pp. 2-3).

Nos números seguintes, a Voz de Antas foi dando notícia dos progressos da obra, que tão importantes préstimos tem concedido à paróquia. Enzima a primeira pedra em 26 de Maio de 1960, o Salão Paroquial foi inaugurado em 4 de Agosto de 1963, quatro anos depois de lançada a semente! Tudo custou aproximadamente 600.000\$00 (para os mais novos, aplicando o coeficiente de desvalorização da moeda do Banco de Portugal, cerca de 200.000), só possível com a colaboração de todos — ou, de quase todos, porque, também naquele tempo, havia vozes discordantes! —. O P.e Apolinário agradecia, algumas vezes, as dádivas da seguinte maneira: "Estou contente

convosco. Não por causa do dinheiro. Estou satisfeito pela vossa generosidade e por ver como já entendeis o sentido do ofertório da missa. Não vos agradeço. Já vo-lo disse. Agradeço ao Senhor. Vós oferecestes a Ele, não a mim" (P.e Apolinário Rios 1963, n.º 56: pág. 4).

2.ª série da Voz de Antas

A 2.ª série da Voz de Antas apenas teve 5 números e o director foi o P.e Avelino dos Santos Alves (1926-1986). Editou-se apenas durante um ano, entre Março de 1970 e Março de 1971. Motivado pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) e as novas directrizes da Igreja Católica, especialmente o novo Ordinário da Missa (1969) e o Missal Romano (1970), o P.e Avelino, sem descurar as notícias sobre os melhoramentos paroquiais, procurou catequizar e explicar "as várias mudanças" no modo de celebrar a santa Missa e os ritos dos Sacramentos.

Particularmente interessante — a meu ver — é a reflexão que o nosso pároco fez, no último número desta série, sobre o "poder diabólico da má língua" e de como "a calúnia é como carvão: — quando não queima, suja"! Refere o P.e Avelino: "Em toda a parte existe a má língua. Porém há certas regiões onde ela se

VOZ DE ANTAS
S. PAIO DE ANTAS ANO I N.º 1
EMPOENDE DEZEMBRO DE 1957 Comp. e Impressão
Oficina de P. João
Rios

SAUDAÇÃO
Estimados Paroquianos!

PARA todos vós, sobretudo para os que se encontram espalhados pelo mundo afora, desde Timor ao Canadá, passando pela Argentina e pela — Brasil, vão as saudações e os cumprimentos amigos do vosso Pároco. Com certeza há muitos entre vós que o não conhecem porque ele só aqui está há um ano e vós já de cá partistes... sabe Deus quando. Mas não importa — conhecer é melhor — importa, sim, saber que — um Padre e por isso mesmo, um homem «consumido» com a vossa Felicidade, um amigo, um colaborador do Bem e um mensageiro de Cristo e da Paz — vos dáreis vós, que 4000 km de distância com o nome de S. Paio — daquela terra linda que o Rio abraça e o mar abraça — S. Paio de Antas? Eu sei já a vossa curiosidade. Este pequenino folheto é a realização dum sonho do do vosso Pároco que desde então em comunicação convosco e unir-vos, apesar da distância, aquela Igreja, onde, um dia, fostes baptizados e onde tantas vezes alheastes nos pés de Nossa Senhora das Vitórias, que é o vosso Mãe do Céu, a pedir-lhe auxílio e amparo. Quer o vosso Pároco, com este folheto

Invitados ao minha Terra.
Deus me as não tire da ideia:
Por vós, até parece
Que vive na minha aldeia.

(Dúbito) *Apolinário Carrão d'Oliveira*

lões-simples, al mentar e avivar no vosso espírito a lembrança da Terra que vos viu nascer e da família que tão saudosamente deixastes na hora, talvez longínqua, da despedida. Ela vos levatá o som festivo dos sinos da vossa Igreja, pela alegria, duma vida que começa e o som do seu chegar planície pela tristeza duma vida que se acaba. É quer, sobretudo, que estas recordações e estas notícias façam renascer em vós o sentido duma vida verdadeira segundo a consciência e a lei de Deus.

Lembrá-vos das promessas do vosso baptismo. Deus nunca vos abandona.

Isto vos irá dizendo, de mês a mês, o vosso Reitor. E achais que não é bom que vo-lo diga? Ele cá fica à espera da vossa resposta e adesão.

Para os de longe é também para os de perto os votos amigos de um NATAL FELIZ e o desejo sincero de que o ANO-NOVO seja para muitos de vós o regresso e para todos de PAZ em DEUS.

TUDO VOSSE REITOR

ANC 1 (2.ª série), MARÇO-1970, N.º 1

Editorial: Sérgio O PARÓCO
Composto e Impresso: Gráfica da Casa dos Repasses-Viana
Redacção e Administração: CENTRO PAROQUIAL

Saudação

Admirar a tua bondade o Senhor...
"Quem sabe o que é sofrer, sabe o que é amar..."
"Quem sabe o que é sofrer, sabe o que é amar..."
"Quem sabe o que é sofrer, sabe o que é amar..."

Boa Páscoa

— A voz, volubres envenenados, Chistes de ruga na face e mandado sem olhos.
Chistes de culpa nas mãos e boteões no castiçal:
"QUE A PAZ DO SENHOR..."
"QUE A PAZ DO SENHOR..."
"QUE A PAZ DO SENHOR..."

Boa Páscoa

— A voz, volubres envenenados, Chistes de ruga na face e mandado sem olhos.
Chistes de culpa nas mãos e boteões no castiçal:
"QUE A PAZ DO SENHOR..."
"QUE A PAZ DO SENHOR..."
"QUE A PAZ DO SENHOR..."

Que falta à Paixão de Cristo...

Porque vivemos sempre aguardando as grandes oportunidades de mostrar ao Senhor a nossa generosa colaboração no Bem?
Tudo quanto é nosso, porque humano, é sempre inútil para Deus.
E sempre progresso, por si mesmo, para fazer seja o que for de grande.
Se as coisas valem aos olhos de Deus, é porque Deus o diga, não nós.
Se as nossas obras a gente herdamos para nós, é porque o Senhor quer empregar-lhes valor redentor.
Se a Cruz serve para salvar, é porque Cristo que continua morrendo, sempre dela, os homens.
E enquanto tanto no caminho, com o Senhor, não se trata de um trabalho, mas de uma vida.
Se a Cruz serve para salvar, é porque Cristo que continua morrendo, sempre dela, os homens.
E enquanto tanto no caminho, com o Senhor, não se trata de um trabalho, mas de uma vida.

Sintomas de escravidão

Se preciso:
Se torna outro regra de conduta no que dizem.
Se ainda aproveitados nos outros.
Se cala quando deves falar.
Se fizes quando deves calar.
Se tens dificuldade em reconhecer as próprias limitações e falhas.
Se tens dificuldade em reconhecer os próprios erros.
Se tens dificuldade em reconhecer os próprios erros.
Se tens dificuldade em reconhecer os próprios erros.

Boa Páscoa

— A voz, volubres envenenados, Chistes de ruga na face e mandado sem olhos.
Chistes de culpa nas mãos e boteões no castiçal:
"QUE A PAZ DO SENHOR..."
"QUE A PAZ DO SENHOR..."
"QUE A PAZ DO SENHOR..."

Folha de rosto do n.º 1 da 2.ª série da Voz de Antas

ções tão monstruosamente injustas que o melhor recurso do acusado é desconhecer e marchar em frente" (P.e Avelino 1971: n.º 5, pág. 2).
Tantos anos passados e tudo como dantes, nada mudou!...

3.ª série da Voz de Antas

Não me é fácil fazer uma síntese da 3.ª série da Voz de Antas, uma vez que são muitos números (já se publicaram 223), tem dois formatos e foi intercalado pelo folhetim "Vamos Construir o Centro Pastoral Juvenil", sempre sob a direcção do nosso actual pároco, P.e Manuel de Brito Ferreira, que, ainda ano em que foi nomeado pároco de S. Paio

de Antas (25 de Março de 1976) pelo Arcebispo de Braga D. Francisco Maria da Silva, procurou "ressuscitar" este meio de comunicação: "Nós encetamos a 3.ª série com o n.º 0. E porquê?
— Porque não nos podemos calar nem parar.
E não podemos parar porque parar é «morrer» e nenhum de nós tem o direito de se considerar um peso morto.
A todos queremos levar uma palavra de amizade e de Doutrina.
E não podemos calar, porque temos a liberdade para erguer a nossa voz (...). Queremos ser a voz, cont. pág. seguinte

PEREGRINO MORAL - AVENIDA DE BRAGA - 1970

BOLETIM PAROQUIAL

Editorial: O renascer de uma esperança

Inverno

Noite Santa

Novos dias... com a mãe

De junto do presépio uma mensagem!

Folha de rosto do n.º 0 da 3.ª série da Voz de Antas

faz mais acen-tuar. Infelizmente, entre nós, esse flagelo, que deruba e aniquila sem dó nem piedade as suas vítimas, manifesta-se de uma maneira assustadora, devido, julgo eu, à pequenez e isolamento do meio em que vivemos.
Diz-se por dizer, afirma-se sem confirmação, tresloucadamente, como se tudo isso correspondesse à verdade dos factos. Deviam ser punidos severamente os que divulgam e caluniam esta ou aquela pessoa, de uma maneira grosseira e satânica, que só merece o nosso veemente protesto.

Não se poupa ninguém, desrespeitando-se deste modo os salutareis preceitos do Cristianismo, estruturados nos sentimento no nosso povo.
«Enterra-se» uma pessoa com uma facilidade tal, que, dificilmente ou nunca mais, se poderá «desenterrar».
A má língua mata, despedaça e fere num sádico e desenfreado regozijo, num insaciável prazer de amesquinhar e de perturbar (...).
Falta-lhes decerto a competência, essencial para poderem exprimir um conceito precioso acerca dos que não são de maneira nenhuma inadapitados e nulidades. Há realmente acusa-

daqueles que sentem no Estrangeiro a angústia da saudade ou a arrelia da vida nos momentos mais sombrios (...). Queremos ser a voz da Igreja que para isto foi fundada, para isto difundida na humanidade, por isto militante, vivente e esperançosa" (P.e Brito 1976: n.º 0, pp. 1-2).

Esta 3.ª série começou em formato A3 e vai do número 0 (Dezembro de 1976) ao 137 (Dezembro de 1993). Nem sequer é simples elencar as obras que então se fizeram, porque, desde 1976 até hoje, as obras da nossa igreja sempre ocuparam parte importante das preocupações do sr. Reitor. Começou-se logo por obras de manutenção e de re-equipamento do Salão Paroquial (1976 e 1977), limpeza do adro e do lajeado à frente da igreja, pintura da igreja, urbanização do adro e nova iluminação exterior (1977), aparelhagem sonora da Igreja, parque infantil, Ring Gimnodesportivo e alameda e cemitério (1978-1979), compra do terreno e monumento ao emigrante e restauro da capela de Santa Tecla (1980-1981), Avenida Trás-do-Salão e restauro da Igreja Paroquial (1982), beneficiação do Salão Paroquial (1985), mobiliário do Salão paroquial (1987), pintura da igreja e novos sinos e um novo órgão (1988), obras na sacristia norte (1990), etc..

Entre Maio de 1992 e Janeiro de 1993, suspendeu-se a publicação da Voz de Antas para dar lugar a uma singela folha informativa (tamanho A4) intitulada "Vamos Construir o Centro Pastoral Juvenil", toda ela dedicada, quase em exclusivo, a narrar os antecedentes da obra, o decorrer da mesma, a apresentação de contas, destaques, correspondências várias, quer do nosso pároco aos emigrantes, quer dos nossos paroquianos no estrangeiro ao nosso pároco. Claro que, mesmo assim, nunca se descuidaram os outros "trabalhos" paroquiais e disso este folheto foi dando conta das mesmas, como a catequese, notícias das associações da freguesia, textos doutrinários e catequéticos, e até bom humor...

A 2.ª fase desta 3.ª série da Voz de Antas ocorreu em 1994 (n.º 138), quando o Conselho Económico Paroquial tomou a decisão de diminuir o tamanho do jornal, passando para o formato A4, ter uma periodicidade bimestral, isto é, sair regularmente de 2 em 2 meses, manter, sempre que possível, apenas 8 páginas por número. Só assim se tornaria uma jornal mais harmonioso, de fácil e agradável leitura, e seria auto-sustentado. E, de facto, a história veio dar-nos razão. A partir desta data — e já lá vão 14 anos! — a Voz de Antas tem saído regularmente, com a ajuda de muita gente, desde as pessoas que escrevem os textos, o levam à tipografia e o paginam, o distribuem pelos assinantes da freguesia, o dobram e colocam as cintas e até o leva aos correios!...

Fazendo uma retrospectiva histórica dos melhoramentos da paróquia dos últimos anos, gostaria de assinalar as

Publicação Bimestral

Janeiro - Fevereiro / 94
3ª Série - Ano IX - n.º 138



Porte Pago Tassa Pago

Propriedade da Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas — Esposende Preço Anual: 150\$00

ANO 1994

ANO INTERNACIONAL DA FAMÍLIA

No dia 6 de Junho passado, João Paulo II anunciou que a Igreja Católica celebrará o Ano Internacional da Família, de 26 de Dezembro de 1993, Festa da Sagrada Família, até à mesma festa de 1994.

"A magnífica renovação do mundo passa pela renovação das famílias, pelo apoio salvador de Deus". "Quem envide esforços no sentido de proteger e favorecer a instituição do casamento e a família adquire enormes méritos para o lauro da Europa".

Reconhece-o, afirmando-o, João Paulo II. É a voz autorizada pela Igreja, uma "voz" com múltiplos documentos a atestar o seu interesse e as suas preocupações, dando directrizes, apontando vivências.

O Santo Padre vai mesmo mais longe e explicita o seu pensamento creditando a família no próprio conceito qualitativo da civilização.

"Tal como a experiência demonstra, o grau de civilização e de sofiz dos povos depende sobretudo da qualidade humana das suas famílias".

No logotipo do Ano Internacional da Família, da autoria de Catherine Rothler apresenta-se um coração protegido por um telhado, para simbolizar o amor no lar, onde cada um encontra conforto, ternura, segurança, companhia e respeito mútuo.

Não está ali, porventura os pressupostos essenciais para um lar feliz? Um telhado - habitação - problema instantâneo... corações - filhos do bem e da mulher, continuados pelos filhos, amor profundo, se possível iluminado e fortalecido pela fé cristã!

Não mudem em que tempos apontam na descuração dos valores mais sagrados saudamos com esperança tudo o que venha fortalecer das condições e verdadeiro sentido à realização do Homem.

NATAL DE ANTIGAMENTE

Não sei o que tenha mudado nestes últimos 50 anos nas noites de Natal, mas penso adivinhar que as famílias de hoje não têm mais tempo para conversar, sentir e viver o Natal, depois que a televisão substituiu tudo isto.

Há de ser que algum gosto de lembrar, e outros mais novos de saber, como era uma noite de Natal nas nossas famílias de antigamente.

Os preparativos começavam muito antes. Na nossa casa já na incubação do vinho novo se passava no Natal; recejava-se a quantidade do melhor vinho tinto, porque o restante era vendido só dedicados como o americano para beber.

Bem mais próximo do Natal, eram preparadas as melhores pás de cozer para os troços da casa.

Arrancava-se um canhão, rachavam-se boas caubotas e procuravam-se pinhas imensas para a fogueira.

Condições a data se aproximava, nós os rapazes, começávamos a andar pelas boças, à cata de algum pinheiro imenso, que ainda tivesse alguma pinha descuidada, o que era quase impossível.

De qualquer maneira, algumas nunca faltavam na nossa fogueira de Natal.

Havia sempre também um canivete velho para fazer uma piada.

Naquela noite, com os pinhões manceiros jogávamos o "tapa, tira, desta, pé", enquanto o sono permitia.

No dia 24 de Dezembro, na nossa casa não havia discursos, não havia leituras nem polemiza. Assim o pai, nesse dia ficava assentado.

A mãe, que sofria muito por falta de lenha, (continua na pág. 2)

AUTÁRQUICAS/93

Decorreram, no dia 12 de Dezembro passado, as eleições para as autarquias locais - Câmara e Assembleia Municipais e Assembleia de Freguesia.

Naturalmente vamos centrar a nossa atenção nos resultados apurados no concelho de Esposende e na nossa freguesia, em particular nestes últimos, porque julgamos ir ao encontro do interesse dos nossos leitores.

PSD renova vitória no concelho

Sem surpresa, a lista proposta pelo PSD aos órgãos municipais venceu com maioria absoluta. Apresentavam-se ao sufrágio, além dos social-democratas, os outros três grandes partidos/coleções portuguesas: PS, CDU e CDS-PP.

(continua na pág. 8)

Senhor Convidado, Participe!

- * Se foi convidado para um baptizado... vá, entre na igreja e participe na rica liturgia deste «sacramento de iniciação cristã».
- * Se a amizade o leva a um funeral cristão... vá, entre na igreja e participe nas orações de sufrágio pelo(a) irmão(ã) falecido(a). Não fique na conversa cá fora.
- * Se for convidado para um casamento e aceite, além de tudo o mais, entre na igreja, participe na liturgia do matrimónio, reze pelos noivos! Não se esqueça: o convite é para o casamento e não só para o almoço!...

Folha de rosto do n.º 138 da 3.ª série da Voz de Antas

obras de restauro da capela de Santa Tecla (1998-1999), Parque Junto de Deus (antigo parque infantil), capela-mor da Igreja e Sacrário (1999), urbanização do adro de Santa Tecla (2000), Caixilheria em alumínio do Salão Paroquial e Monumento aos Mais Generosos (2001) e Casa da Paz (2001-2007). Claro que a cultura não foi deixada ao acaso e, em 1999, a paróquia editou o livro do P.e Adélio "S. Paio de Antas, sua história, sua gente"; em 2000, "O Sacrário, a arte e os devotos"; e, em 2003, "Nossa terra e suas devoções".

Neste 50 anos de história, todos estamos presentes na vida da de Voz de Antas, e, como disse o Sr. Reitor, a outro propósito: "O Povo foi convidado, em autêntico desafio ao seu querer (...). A realidade que, agora, temos é esta (...). Construiu-se a fraternidade, repôs-se a verdade, matou-se o ódio, aperfeiçoou-se a generosidade. A vontade do Povo foi indómita, o esforço hercúleo, a persistência estóica, a coragem inquebrantável. Felicitamos este povo. Parabéns!" (P.e Brito 1982: n.º 66, pág. 7).

Gonçalo Fernandes